

SOBRE OS ATALHOS TEOLÓGICOS PARA EXPLICAR A VIDA QUE DESEXPLICAM AS ESCRITURAS SAGRADAS E A GRAÇA DE DEUS

Ronan Boechat de Amorim

Creemos que a Bíblia é inspirada pelo Espírito Santo de Deus e que nela está a revelação do Deus que era, que é e que será eternamente o mesmo. Deus que a Bíblia afirma ser amor, justiça e salvação, entre outras coisas. Creemos que apesar das Sagradas Escrituras não serem a única maneira de Deus se revelar, elas são a maior autoridade que temos para nos ajudar a encontrar, amar e refletir sobre Deus, seu amor e seu propósito.

Todas as nossas interpretações e experiências pessoais, comunitárias, afetivas, intelectuais, teológicas, carismáticas, etc... devem ser permanentemente confrontadas com a Palavra de Deus, e mais, precisam estar em conformidade com ela.

Nossas experiências de Deus não podem contradizer e opor-se ao ensino bíblico, pois Deus é sempre o mesmo; também seu amor, Planos e Palavra serão eternamente como sempre foram. Deus não é Deus de desdizer-se ou equivocarse. Por isso, como está escrito no texto introdutório do Rev. Harrison aos Sermões do Rev. John Wesley (publicado na edição passada do AVANTE!), “não há princípios novos na teologia cristã. Conquanto os modos de interpretação, os termos pelos quais a Palavra de Deus é exposta e ilustrada, possam variar em diferentes épocas, segundo graus de iluminação e as circunstâncias que envolvam os ministros e os leigos da Igreja, a verdade é, todavia “velha”. Nada podemos descobrir que os apóstolos já não conhecessem acerca da vontade de Deus e da divina revelação feita aos homens”.

A Palavra de Deus, a Bíblia, afirma que Deus é amor, e nada portanto há ou haverá de revelado ou experimentado na vida de uma pessoa, uma comunidade ou de quem quer que seja que possa ser diferente disso. Senão estaremos relativizando algumas afirmações bíblicas imperativas e absolutas, por exemplo sobre o caráter de Deus e da sua Graça, chamando não só a nossa fé e nossa crença de mentirosas, mas chamando também a Bíblia (livro sagrado de nossa fé) e o próprio Deus que a inspirou de mentirosos.

Assustam algumas pregações e teologias que temos ouvido que ferem grosseira e frontalmente a doutrina evangélica, metodista e bíblica. Coisas absurdas como predestinação, maldição, teologia da retribuição, figura do Deus tentador, a inexistência do céu e do inferno, a inexistência do livre arbítrio, os conceitos de um Deus mágico ou impessoal, a inexistência do diabo, etc... Ora, podemos até, por exemplo, não aceitar que o diabo seja aquele “sujecinho” feio, vermelho, de chifres e rabo, mas a Palavra de Deus afirma categoricamente a sua existência, o seu ministério de tentador que procura arruinar o Plano de Deus e a vida humana fraterna. Tanto quanto fala de milagres, unção do Espírito Santo, dons espirituais, santidade de vida, amor ao próximo e dos falsos profetas os últimos tempos.

Este texto até aqui é uma introdução a um outro assunto que tem me intrigado: a pregação sobre possessão demoníaca em crianças. Ao meu ver é uma dessas pregações que ferem frontal e gravemente o ensino da Bíblia e de Jesus. Não se trata de discutir se o diabo tem poder ou não de destruir vidas que se entregam ou que a ele são consagradas, mas de entender o coração de Deus, o poder de Deus e o que Deus não permite em hipótese alguma que o diabo faça na vida humana. Jó sofre horrores; o diabo toca em sua vida, mas Deus não permite que o diabo se aposses da vida (da alma, mente, coração e corpo) de Jó. Jó sofre a ação satânica mas não sofre a possessão demoníaca! Talvez toda a experiência de Jó possa nos fazer entender o lugar da criança na graça de Deus e a extensão do Senhorio de Deus.

Creemos como metodistas evangélicos que, apesar do pecado original, toda criança nasce salva. Ou seja, toda criança nasce fazendo parte do pacto de salvação de Deus. Independente da religião dos pais da criança. Toda criança nasce como bênção de Deus, formada pelo próprio Deus, amada por Deus, vocacionada para a salvação eterna e cheia da presença de Deus. As crianças não são apenas um pedaço de carne vazio nascido do encontro puramente físico de um óvulo e de um espermatozóide. Em toda vida há sempre a mão e a graça de Deus.

Creemos também que não é nossa ascendência familiar ou a fé (ou a falta de fé) dos pais que afastam-nos de Deus. O que nos afasta de Deus é o pecado, a atitude de rebelião, de recusa, de fechamento para Deus e sua Palavra. O pecado que é opção, o pecado como opção de vida. Não importa se opção pelos caminhos do diabo ou da própria carne (instintos egoístas), porque ambas as possibilidades são opções contra Deus. Cada um será julgado pela consciência que tem da Palavra de Deus, da vontade de Deus, de justiça, de bem e de mal.

Desde minha adolescência lá pelas bandas de Itaperuna, aprendi que o diabo é tentador, ou seja, é aquele que tenta (através do engano e sedução) nos convencer a confiarmos em nós mesmos ou nas diversas opções que ele nos propõe como alternativas ao caminho de Deus. Foi o que aconteceu a Adão e Eva segundo o relato do livro de Gênesis, quando eles são convencidos pela serpente tentadora a comer do fruto da única árvore proibida por Deus. A serpente não os obrigou a nada, pois ela não tinha poder sobre a vontade deles. Ela tentou propondo alternativas à orientação de Deus. E eles, mulher e homem, aceitaram. Aceitaram livre e soberanamente. Quero lembrar com isto a afirmação bíblica que ninguém é tentado além das próprias forças. Podemos resistir às tentações. É possível resistir ao diabo. E “ele fugirá de vós...” Aqui há algo, um princípio bíblico importante: - é verdade que, incansavelmente, o diabo se apresenta, tenta, confunde, interfere, influencia destrutivamente a vida humana, mas ele não pode entrar na vida e no corpo (apossar-se, “endemoniar”!) de uma pessoa, a não ser que a pessoa queira, que a pessoa permita. O coração é uma porta que só se abre por dentro! O próprio Jesus afirma: “Eis que estou à porta e bato, se alguém abrir, eu entrarei...” Quero lembrar que não

se trata apenas de falar se o diabo pode ou não, se ele respeita as regras de Deus ou não. Não estamos refletindo sobre o diabo, mas sobre o poder de Deus, sobre a graça de Deus, sobre a soberania de Deus. Deus tem todo o poder, e Ele determinou que o tentador não tenha poder sobre ninguém, a não ser que se queira assumir esse poder diabólico sobre si, submetendo-se voluntariamente a ele.

Mesmo quando um pai ou mãe consagra um filho, um bebê, uma criança, ao diabo, por exemplo, nem isso dá poder ao diabo de estabelecer uma possessão demoníaca na vida da criança. Por quê? Porque a graça de Deus é maior que a autoridade dos pais e o poder do diabo desobediente. Com certeza uma criança consagrada ao diabo e à sua obra, será tremendamente influenciada por essa decisão tomada por seus pais ou outros responsáveis. É verdade também que se não houver uma mudança de rota, uma mudança de vida (CONVERSÃO!!), essa criança de fato está destinada a ser cavalo e habitação do diabo quando tiver a maturidade e consciência para tomar suas próprias decisões. Até lá, toda consagração da criança ao diabo é apenas a entrega da vida dos próprios pais como influência, educadores e canais demoníacos na vida da criança, que continua sendo contada entre os salvos pela graça de Deus. Porque maior é a graça de Deus que salva os inocentes que as atitudes dos pais e a ação demoníaca.

Vejo muito na vida das crianças e até bebês ditos e identificados como “possessos” uma outra coisa muito grave: pais desequilibrados, vivendo em pobreza, em relacionamentos familiares miseráveis, neuróticos e violentos, inclusive maus tratos, etc... Há crianças que choram muito, que gritam muito, que vivem com medo, que não dormem à noite, porque são crianças afetadas, maltratadas e de certa forma também desequilibradas pelas relações familiares doentes e não-cristãs. Pais que gritam uns com os outros, que põe medo na criança, que falam mais do diabo às crianças que do Evangelho, pais que não oram, pais neuróticos que geram filhos neuróticos... e muitos desses pais estão dentro das nossas Igrejas. Há também outras explicações médicas, crianças com dores, crianças que vivem sob forte influência maligna... mas nada disso significa possessão demoníaca na vida de uma criança. Precisa ser muito amador na Palavra de Deus para não “distinguir os espíritos”... Às vezes, infelizmente, “expulsar” demônios dá mais ibope e menos trabalho que acompanhar pastoralmente a família até a cura total e até sua evangelização. Temos certa atração pela economia de esforços, e por isso somos tentados a “economizar trabalho” em atalhos muito perigosos e ermos da graça de Deus...

Quero lembrar também numa outra perspectiva, mas dentro desse mesmo raciocínio, que uma criança batizada em nome do Pai, Filho e Espírito Santo é consagrada a Deus. O Batismo infantil é a consagração da criança a Deus, quando pais, testemunhas e Igreja fazem um voto solene de criar tal criança nos caminhos do Senhor, sob a direção e a influência de Deus. “Não há outra opção de vida para esta criança que não seja Jesus e o Evangelho”, é o que afirmamos. Mas é também a consagração dos pais e das testemunhas e da Igreja ao ministério de educar a criança no que Cristo fez por ela.

No Batismo infantil não colocamos “Deus” dentro da criança, mas confiamos a criança nas mãos de Deus, sob seu Senhorio. Cremos que a criança ao ser batizada, tal como toda criança (independente da religião de seus pais!), nasce com Deus em seu coração, nasce no pacto da graça: “das tais é o Reino de Deus”. Por isso insisto em repetir: o pecado pessoal é que “arranca” Deus do coração da criança, do coração humano. Daí a necessidade do encontro pessoal de cada homem e mulher com Jesus como Senhor e Salvador. Mesmo os adultos e adolescentes que foram batizados quando crianças. Por isso, além de todo ensino e testemunho, há sempre na vida das crianças batizadas a expectativa e o desafio da experiência pessoal com Jesus e da pública profissão de fé. Por mais importante e fundamental que seja o batismo infantil na vida de uma criança, ele não pode substituir o encontro pessoal com Jesus.

Mas daí, sob qualquer hipótese, tirar as crianças do pacto da graça de Deus é julgar Deus e as crianças a partir das estreitezas do coração humano. Ainda que seja feita com a melhor das intenções e baseado em nossas experiências! A Palavra de Deus deve prevalecer sobre nossas intenções e também sobre nossas experiências. É a Palavra de Deus que tem de corrigir nossas experiências pessoais e jamais nossas experiências e compreensões corrigirem a Palavra de Deus.

Há muitas coisas acontecendo concretamente em minha volta que eu não entendo e que até me confundem. Sou cobrado a entendê-las e tentado a explicá-las a qualquer custo. Quem sabe com a intenção de vencê-las, de consolar quem chora, etc... Foi essa a intenção dos amigos de Jó com todas aquelas explicações que “comprovadamente” diagnosticavam a razão porque Jó estava sofrendo. Só que a tal teologia da retribuição defendida pelos amigos de Jó recebe uma sentença dura de Deus: “você falaram o que era errado de mim para o meu servo Jó”. Não podemos ver apenas a aparência... temos de ter o olhar de Deus... quem não tem sabedoria peça-a a Deus.

Repito que há muitas coisas que não entendo: Estevão sendo morto a pedradas, crentes fiéis morrendo de câncer, missionários sendo brutalmente torturados por pregarem o Evangelho, o sofrimento de Jó, a morte escandalosa e solitária de Jesus (o Filho do Deus todo-Poderoso) na Cruz do Calvário, etc... mas mesmo assim, quando tudo parece necessitar de uma “teologia justificadora” (um remendo humano na fé bíblica!), quando tudo parece contraditório, maluco, sem sentido, etc... somos desafiados a crer que Deus é amor. Somos desafiados a crer que desgraças acontecem mesmo a quem é servo fiel e a quem Deus muito ama. Somos desafiados a crer que, apesar de não entendermos as coisas, as situações e as aparências, Deus sabe de todas as coisas e que devemos esperar pelo Senhor e confiar nele, em sua graça e soberania.

Quando não entendo determinadas situações, eu sempre procuro partir da minha fé na Bíblia como Palavra de Deus. Acerca do sofrimento, por exemplo, sei que não procede de Deus e que não é da vontade de Deus, apesar de eu não saber explicá-lo. Creio que Deus é amor. Eu não sei explicar o porque ou como, mas eu sei que Deus é amor. Há muitas coisas estranhas acontecendo neste final de século e de milênio, e muitas delas não entendo e nem sei explicar. Mas eu sei em quem tenho crido, e creio na imutabilidade de sua Palavra. Sou chamado a entregar meu caminho ao Senhor, confiar

nele e nele esperar. Eu não sei nem entendo muita coisa, mas Deus em sua soberania e majestade sabe. E ele cuida de nós. E se nos abrigamos sob suas poderosas mãos não temos o que temer. Apenas esperar e confiar. Afinal a vida cristã não é necessariamente entender e explicar, mas amor a Deus acima de tudo e entrega e confiança total em seus desígnios. Fugamos das explicações simplistas, das “teologias-atalho” que questionam o poder da graça e da soberania de Deus. Podem ser atalhos que dão em caminhos cujo final é vergonha, sofrimento e morte.

Que nossa teologia e prática pastoral não excluam a quem a graça de Deus inclui. Com certeza não devemos ter medo de pensar a fé e nossa prática pastoral, mas devemos pensar de joelhos aos pés do Mestre, em oração, prontos para ouvir e tardios para falar, para que a resposta certa nos venha dos lábios do Senhor. Como tentei mostrar, não estamos tratando apenas de posições teológicas e teorias da fé, mas estamos falando sobre muitas vidas concretas ao nosso redor e em nossas comunidades, que podem ser curadas ou profundamente feridas e excluídas. Não podemos ser arrogantes ao ponto de, sob a hipótese de explicar a vida, “desexpliquemos” as Escrituras Sagradas e a Graça de Deus.